
Sim, elas são bissexuais: representação de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo¹

Talitta Oliveira CANCIO²
Marcela Costa da Cunha CHACEL³
Universidade de São Paulo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

O presente artigo analisa a representação bissexual feminina na teledramaturgia da Globo e a circulação de sentidos sobre bissexualidade. Para delimitar o objeto de estudo, foi feito um mapeamento prévio de todos os personagens com práticas bissexuais, sendo identificados 44 em obras exibidas de 1979 a 2019. Então, restringimos esta análise às personagens femininas - 15 dentro do universo mapeado, presentes em 13 novelas. A partir dos princípios da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), acompanhamos as cenas das personagens em cruzamento com outras fontes, para assim analisar como a sexualidade delas foi construída e apresentada. Por fim, verificamos o reforço do apagamento bissexual em todas as novelas e de estereótipos considerados negativos na maioria delas, mostrando que as telenovelas brasileiras ainda estão longe de cumprir um papel pedagógico na representação da bissexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade; Telenovela; Representação; LGBT; Globo.

Introdução

O presente trabalho investiga as representações da bissexualidade a partir da construção das sexualidades de personagens bissexuais femininas das telenovelas da Rede Globo. Para tal, analisamos os significados da bissexualidade propostos nessas obras, com o apoio dos estudos de gênero e sexualidade, dos Estudos Culturais e de produções sobre televisão e telenovela. A produção deste artigo é resultado da pesquisa de conclusão de curso em nível de graduação⁴ e o objeto de estudo segue em pesquisa no mestrado da autora.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM/USP), sob Professora Doutora Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN-ECA/USP) e integrante da Rede de pesquisadores OBITEL, e-mail: talitta.cancio@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da UFRN. Integrante da Rede de pesquisadores OBITEL, e-mail: marcelapup@gmail.com.

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso de Talitta Oliveira Cancio, orientado pela Prof.^a Dra. Marcela Costa da Cunha Chacel e submetido à banca junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, em abril de 2021.

A delimitação a partir da representação bissexual ocorreu devido a sua invisibilização, dentro e fora do movimento LGBTQIA+. Ainda existem muitas confusões e estereótipos em relação às pessoas bissexuais, retratadas na maioria das vezes como confusas, indecisas ou promíscuas. Subsistem problemáticas especificamente relacionadas às mulheres bissexuais, assim como existem outras referentes aos homens. Aqui, focaremos nas bissexuais femininas.

Perspectivas de Gênero e Sexualidade

Quando se trata dos estudos de gênero e sexualidade, consideramos fundamental trazer em primeiro plano as reflexões sobre as problemáticas da teoria *queer* em contextos que vão além dos limites de uma teoria branca e localizada no norte global (REA, 2020). É preciso romper com o *epistemicídio* que impõe como científicas apenas as pesquisas sobre gênero e sexualidade produzidas no norte global, que refletem realidades históricas, sociais e econômicas completamente diferentes das localizadas no nosso eixo geográfico, político e cultural. Muitos autores e autoras decoloniais e dos estudos dos subalternos fazem críticas às transposições mecânicas da teoria *queer* para os contextos do sul e do oriente.

É necessário construir outras ferramentas conceituais e teóricas para pensar as diferentes realidades do contexto latino-americano, como aponta Larissa Pelúcio (2012). Na América Latina, “as sexualidades, desejos e regimes eróticos são marcados pelas relações coloniais e por múltiplas formas de exploração e de subalternização, pela racialização da sexualidade e pela sexualização das relações raciais” (REA; AMANCIO, 2018, p. 09).

Perspectivas como as do campo de pesquisa *Queer of Colour Critique*, ou crítica *queer* racializada, são fundamentais. Estudos esses que tratam as questões de gênero e sexualidade como “inseparáveis da história pós/neocolonial do ocidente, englobando as experiências da escravidão, do racismo, da diáspora e dos fenômenos de imigração e dos novos imperialismos.” (REA; AMANCIO, 2018, p. 17). É um campo comprometido com a discussão de problemas políticos contemporâneos de maneira interseccional e descolonizada.

Não há como abordar questões de sexualidade em telenovelas brasileiras desconsiderando o contexto histórico, econômico, político e social do país. Uma versão

que “rejeita a narrativa euroamericanocêntrica do progresso e da modernidade em matéria de questões sexuais e de gênero. (...) Conforme destaca Roderick Ferguson, a teoria *queer* de cor nasce das contribuições do feminismo negro e do pós-estruturalismo da teoria *queer*” (REA, 2020, p. 70).

Estudos Bissexuais

Pelo mundo há mais trabalhos sobre bissexualidade do que se reconhece, porém, em um número muito menor comparado aos estudos teóricos sobre homossexualidade e transexualidade. Angelides (2001), entre outros autores, é crítico da falta de aprofundamento dentro da teoria *queer* sobre bissexualidade. Para ele, ignorar o papel da bissexualidade impede que o projeto de desconstrução *queer* alcance seus objetivos, pois essa falta de estudo reforça o binário hetero/homossexual que a teoria *queer* deveria desestabilizar (LEWIS, 2012).

Outra perspectiva teórica importante são as epistemologias bissexuais e as perspectivas acerca do monossexismo e do apagamento da bissexualidade, a partir de obras como *The Epistemic Contract of Bisexual Erasure*, de Kenji Yoshino (2000), e *Notes for a bisexual revolution*, de Shiri Eisner (2013). Vários teóricos, incluindo Marjorie Garber, Amanda Udis-Kessler, Elisabeth Däumer, Jo Eadie, Maria Pramaggiore, Yasmin Prabhudas e Amber Ault, como menciona Lewis (2012), começaram a problematizar a bissexualidade, sua definição, categorização, políticas bissexuais e principalmente o potencial transformativo da bissexualidade como um conceito epistemológico. As epistemologias bissexuais podem ser resumidas como

modos de aprender, organizar e intervir no mundo que refutam correspondências unívocas entre atos sexuais e identidade, entre objetos eróticos e sexualidades, entre identificação e desejo – reconhecem desejos fluídos e sua contínua construção e desconstrução do sujeito desejante (PRAMAGGIORE, 1999, p. 146 *apud* LEWIS, 2012, p. 65).

Segundo Storr (2002), os estudos das epistemologias bissexuais partem do não pertencimento dos bissexuais a nenhum lado do binário hétero/homossexual, centro dos entendimentos da sexualidade moderna e da desconfiança das categorizações. Esse campo é influenciado pelas principais obras da teoria *queer*, originado logo após as publicações de *Problemas de Gênero*, de Judith Butler, e *Epistemologia do Armário*, de

Eve Kosofsky Sedgwick, em 1990. Para Lewis (2012), a principal diferença entre as teorias *queer* e as epistemologias bissexuais é que esta última parte da bissexualidade como o pontapé para desconstruir, desnaturalizar e desestabilizar, enquanto a teoria *queer* não aponta nenhum ponto de partida específico para isso.

Para os intelectuais das epistemologias bissexuais, a bissexualidade tem grande potencial desestabilizador e desconstrutor do binário hetero/homossexual e do “sistema de definição da sexualidade por meio do sexo/gênero da parceria sexual ou objeto de desejo, já que a bissexualidade permitiria pensar na sexualidade independente do gênero” (MONACO, 2020, p. 37).

Segundo Yoshino (2000), o processo sistemático de invisibilização da bissexualidade acontece por meio de um contrato epistêmico de apagamento bissexual compactuado entre pessoas monossexuais. Ou seja, a invisibilidade não é uma qualidade natural inerente da bissexualidade, é resultado de uma construção social e cultural. Segundo o autor, o apagamento acontece através de três estratégias: apagamento de classe, apagamento individual e deslegitimação.

Estudos Culturais e Televisivos

Para analisar os personagens bissexuais e suas implicações, significados sociais e políticos, é importante antes compreender conceitos basilares como representação, identidade e estereótipos. Em *Cultura e Representação* (2016), Hall centraliza o conceito de representação para discutir o papel da mídia em sua relação com a cultura. Para ele, a representação é uma construção dada em um sistema cultural, com uma produção de sentidos através da linguagem, formadora de signos. O processo de significação na cultura ocorre por dois sistemas de representação relacionados: a) o que dá sentido ao mundo para o indivíduo por um conjunto de correspondências ou equivalências mentais; b) o que cria uma conexão desses mapas conceituais dos indivíduos com os conjuntos de signos produzidos culturalmente (HALL, 2016).

Outra questão relevante dentro das análises de representação e formação da identidade é a estereotipagem, uma das formas de representação da diferença (HALL, 2016). Segundo Hall (2016), a estereotipagem é a redução de um grupo a poucas características que são reconhecidas como suas e apresentadas como essenciais ou fixas por natureza, de forma simplificada e exagerada. O estereótipo produz efeitos como

fantasia, fetichismo e retratação, e pode ser questionado por estratégias de transcodificação de significados. Esse processo divide os comportamentos aceitáveis e os que devem ser excluídos. A criação de estereótipos auxilia na manutenção da hegemonia, regulando toda a sociedade de acordo com seus próprios valores e visões de mundo.

A representação como construção de sentidos em partilha dialoga com o conceito de mediação de Jesús Martín-Barbero (1997), que a vê como instâncias de sociabilidade que atuam na apropriação, ressignificação e transformação dos textos e significados neles contidos. A teoria da recepção é uma perspectiva de investigação integradora e compreensiva, visto que todo processo de comunicação parte de mediações (LOPES, 2014). A mediação possibilita compreender e identificar a interação entre os espaços da produção e do consumo da comunicação.

É preciso considerar, a partir de Louro (2008), o caráter pedagógico da mídia. Isso porque a mídia é capaz de legitimar, reiterar, naturalizar, reforçar comportamentos e práticas sociais, bem como atuar no processo pedagógico, de ensino e aprendizagem da sociedade, no que diz respeito aos mais variados assuntos. A televisão, como parte integrante da mídia, tem igualmente um caráter pedagógico. “Objeto de conversação por excelência” (CHACEL, 2016, p.27), presente nos lares e na vida cotidiana das pessoas e reconfigurada diante do cenário de convergência e de cultura participativa, a televisão, assim como a mídia, deve ser percebida como uma instituição disciplinadora, ao lado da família, religião e escola (LIMA et al., 2021).

A mídia legítima, naturaliza e reforça comportamentos sociais incidindo no processo de ensino e aprendizagem. Fischer (2002) argumenta ser indispensável perceber a mídia como uma instituição disciplinar e um lugar de formação juntamente à escola, à família e à religião. A partir daí, nasceu o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, fundamentado no conceito de “dispositivo da sexualidade” de Foucault. Para a autora:

[...] significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais (no caso aqui referido, de programas televisivos), apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação (FISCHER, 2002, p.155).

E quando se trata de poder midiático no Brasil, a Globo e suas telenovelas estão em um local privilegiado. Uma novela de grande sucesso pode, conforme Lopes (2003, p.23), alcançar “45 pontos de audiência, representando uma média de 32 milhões de telespectadores e um share (porção de público total) de 58%”. São índices muito significativos que atestam a popularidade da telenovela no Brasil, especialmente as da Globo. Por essa razão, para Lopes (2003), a emissora se tornou hegemônica na teledramaturgia do país.

A telenovela passou a se constituir em uma narrativa brasileira por excelência, capaz de documentar a realidade e possui uma penetração intensa na sociedade, como argumenta Lopes (2003), em função de sua “capacidade peculiar de alimentar um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras” (p. 18), e dessa forma promove interpretações de sentido que estão na base das representações de uma comunidade nacional imaginada, e como diz Stuart Hall (1999), as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação.

Metodologia

A análise deste trabalho busca compreender a forma como a bissexualidade de personagens femininas é construída e apresentada nas telenovelas da Rede Globo. Antes de tudo, para poder determinar qual seria o objeto de estudo dentro da representação bissexual em telenovelas da Rede Globo, foi realizado um mapeamento de todas as personagens com práticas bissexuais, catalogando os anos e horários de exibição das telenovelas, os autores, os atores e atrizes, gênero, raça, classe social e caracterização de cada um. Para chegar nesses personagens, realizamos um cruzamento e verificação de dados a partir do levantamento feito por Fernanda Nascimento da Silva (2015), em sua dissertação “Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida”, do acervo do site Memória Globo, dos arquivos das novelas na plataforma *Globoplay* e o confrontados com outras fontes de informação como jornais e revistas do período de exibição das novelas.

No mapeamento identificamos 44 personagens com práticas bissexuais, em telenovelas exibidas entre 1979 e 2019. Ao todo são 37 telenovelas, 29 personagens masculinos, 15 femininos e apenas três personagens não brancos. A partir disso,

delimitamos o estudo às personagens femininas, tanto pela discrepância em relação ao número bem maior de personagens masculinos, mas também pelas violências específicas sofridas pelas mulheres bissexuais na sociedade. Segundo Shiri Eisner (2013), a imagem da mulher bi veiculada na mídia e na pornografia tradicional tem feito com que as mulheres bissexuais sejam facilmente objeto de assédio e violência sexual. O estereótipo de pessoas bissexuais como promíscuas e que aceitam fazer tudo na prática sexual, além de ter relação com assédio e violência sexual contra mulheres bissexuais, também reforça o mito de que essas são portadoras e vetores de ISTs.

(...) as mulheres bissexuais são frequentemente associadas à promiscuidade, ao *ménage à trois*, à não monogamia e à infidelidade por serem consideradas incapazes de se sentirem satisfeitas com apenas um gênero. Tal associação parece ter relação com a mídia e a pornografia tradicional, que frequentemente apresentam as mulheres bissexuais de maneira hipersexualizada e disposta a satisfazer o espectador homem cisgênero heterossexual. Em função disso, muitas pessoas têm interesse exclusivamente sexual por mulheres bissexuais e não querem se envolver afetivamente com elas. Além disso, essa imagem da mulher bissexual promíscua parece ter relação com o número elevado de assédio e violência sexual contra mulheres bissexuais (JAEGER, 2018, p. 80).

Delimitar as personagens femininas com práticas bissexuais também tem o objetivo de observar se as telenovelas brasileiras contribuem ou não para essas violências sofridas cotidianamente por mulheres bissexuais. É importante salientar que o problema não está na promiscuidade ou na não monogamia, algumas mulheres bissexuais podem sim se considerar promíscuas, podem ser não monogâmicas, podem gostar de fazer *ménage*, ser portadoras de ISTs e algumas podem trair. Como Shiri Eisner aponta, não devemos delimitar bons e maus bissexuais deslegitimando vivências. O intuito é demonstrar como certos estereótipos validam violências. Assim como demarcar que existe uma multiplicidade de bissexualidades e que não está restrita à nenhuma questão em específico (JAEGER, 2018).

A análise baseou-se nos princípios da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para identificar as recorrências temáticas que emergiram da amostra, privilegiando aspectos qualitativos e que demonstrem como a sexualidade das personagens foi construída, a partir da observação das cenas das personagens nas respectivas telenovelas.

40 Anos de Não-monossexuais Em Telenovelas

Na figura abaixo são apresentadas as 15 personagens bissexuais femininas em telenovelas da Rede Globo, com as variáveis: telenovela, com ano e horário de exibição; autor ou autora da obra; nome da personagem; quem a interpreta; raça; e classe social mais a profissão.

Figura 1 - Personagens bissexuais femininas em telenovelas da Rede Globo

PERSONAGENS BISSEXUAIS FEMININAS EM TELENÓVELAS DA GLOBO					
TELENÓVELA	AUTOR(A)	PERSONAGEM	ATRIZ	RAÇA	CLASSE SOCIAL/ PROFISSÃO
Os Gigantes 1979-1980 Exibida às 20h	Lauro César Muniz	Paloma Gurgel	Dina Sfat	Branca	Classe alta/ Jornalista (e herdeira)
Os Gigantes 1979-1980 Exibida às 20h	Lauro César Muniz	Renata Garcia	Lídia Brondi	Branca	Classe média/ Veterinária
Bebê a bordo 1988-1989 Exibida às 19h	Carlos Lombardi	Mendonça	Débora Duarte	Branca	Classe média/ Executiva
Salsa e Merengue 1996-1997 Exibida às 19h	Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa	Dayse Menezes	Rosi Campos	Branca	Classe popular/ Confeiteira
A Indomada 1997 Exibida às 20h	Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares	Zenilda	Renata Sorrah	Branca	Classe popular/ Dona de boate
Celebridade 2003-2004 Exibida às 20h	Gilberto Braga	Laura	Claudia Abreu	Branca	Classe popular/ Empresária
Belíssima 2005-2006 Exibida às 20h	Silvio de Abreu	Rebeca	Carolina Ferraz	Branca	Classe média/ Empresária
Em Família 2014 Exibida às 21h	Manoel Carlos	Clara	Giovanna Antonelli	Branca	Classe alta/ sem profissão
Sete vidas 2015 Exibida às 18h	Lícia Manzo e Daniel Adjafre	Esther	Regina Duarte	Branca	Classe média/ Professora
Totalmente Demais 2015-2016 Exibida às 19h	Rosane Svartman e Paulo Halm	Adele	Jéssica Ellen	Preta	Classe média/ Booker
A Regra do Jogo 2015-2016 Exibida às 21h	João Emanuel Carneiro	Duda	Giselle Batista	Branca	Classe popular/ sem profissão
A Lei do Amor 2016-2017 Exibida às 21h	Maria Adelaide Amaral e Vicent Villari	Flávia Bezerra	Maria Flor	Branca	Classe popular/ DJ
Segundo Sol 2018 Exibida às 21h	João Emanuel Carneiro	Maura Câmara	Nanda Costa	Parda	Classe popular/ Policial civil
Órfãos da Terra 2019 Exibida às 18h	Duca Rachid e Thelma Guedes	Valéria Augusta	Bia Arantes	Branca	Classe alta/ sem profissão
Órfãos da Terra 2019 Exibida às 18h	Duca Rachid e Thelma Guedes	Camila Nasser	Anajú Dorigon	Branca	Classe média/ sem profissão

Fonte: elaborado pela autora (2021) a partir de Silva (2015) e Memória Globo (2021)

Considerando a leitura das questões de gênero e sexualidade de maneira complexa e interseccional (REA e AMANCIO, 2018), observando a tabela da figura 1, é impossível ignorar um dado gritante: nas telenovelas brasileiras, a bissexualidade

feminina é branca. Dentre 15 personagens, temos 13 mulheres brancas. As duas negras são Adele e Maura, interpretadas por Jéssica Ellen e Nanda Costa, respectivamente. Jéssica se autodeclara preta⁵ e constantemente coloca posicionamentos sobre questões raciais em suas redes sociais e na imprensa. Não foi possível encontrar informações sobre a autodeclaração de Nanda Costa, porém, em muitos sites com informações sobre famosos, ela é colocada como parda⁶ e a atriz já foi motivo de debates sobre raça ao interpretar a personagem Morena, em *Salve Jorge* (2012), por conta do nome da sua personagem e das discussões sobre arquétipos da mulher “morena” e colorismo⁷.

Voltando para a análise mais geral das personagens bissexuais, a noção de que não há como garantir que alguém não é bissexual é totalmente invertida na percepção que as pessoas têm ao verem personagens com práticas bissexuais sendo representados. Mesmo com todos os elementos para considerar que aquela pessoa não é hétero ou homossexual, ainda assim a bissexualidade sequer é considerada uma possibilidade, como veremos em maiores detalhes adiante. Isso é retroalimentado pela sociedade e o apagamento bissexual acontece da mesma forma fora das telas.

A primeira novela a apresentar, não apenas a primeira mulher, mas também a primeira pessoa bissexual foi *Os Gigantes*, em 1979. De 2014 até 2019, pelo menos uma personagem bissexual feminina esteve no ar em alguma das telenovelas da Rede Globo.

Como vimos, a representação, de acordo com Hall (2016), é parte fundamental do circuito cultural por ser uma conectora do sentido e da linguagem à cultura. Se a representação é parte essencial do processo de produção dos significados e da forma como eles são compartilhados entre os membros de uma cultura, precisamos olhar mais atentamente aos significados produzidos pela representação bissexual na televisão. “A bissexualidade, como fenômeno e grupo social, também passa por esse circuito, sendo invocada pela linguagem, conceituada, significada e endereçada aos imaginários e

⁵ Disponível em

<https://oglobo.globo.com/celina/jessica-ellen-de-amor-de-mae-ser-uma-mulher-negra-artista-vivendo-no-brasil-ja-desafiador-1-24148825> Acesso em: 15 jul. 2022.

⁶ Disponível em <https://www.perfildosfamosos.com/nanda-costa/> Acesso em: 15 jul. 2022.

⁷ Conceito criado por Alice Walker, o colorismo ou pigmentocracia se propõe a entender as relações étnicoraciais no âmbito político, econômico e social, partindo da diferenciação da coloração que imprime tratamentos distintos conforme a tonalidade da pessoa. Assim, quanto mais claro, mais privilégios lhes serão oportunizados e quanto mais escuro mais discriminação e preconceito lhes serão atribuídos. (CRUZ e MARTINS, 2017)

mapas simbólicos e conceituais compartilhados culturalmente entre indivíduos.” (ROSSI, 2020, p. 30).

O apagamento bissexual está presente em cada nível e esfera de nossas vidas, do nível público e cultural, assim como do social, até o nível privado. Apagamento bissexual significa, entre outras coisas, falta de representação, falta de comunidades, falta de consciência, falta de expressão e falta de reconhecimento. Significa que na maioria das vezes, a maior parte de nossa cultura opera sob a presunção de que a bissexualidade não existe — e não pode — existir (EISNER, 2013, p. 67, tradução nossa).

As 15 personagens femininas foram classificadas como bissexuais por demonstrarem, durante as tramas, interesse sexual e/ou romântico por mais de um gênero. Independente de ter sido mostrado explicitamente ou por meio de insinuações, todas elas fugiram do monossexismo: Paloma teve relacionamentos românticos e sexuais com Chico e Fernando em cenas explícitas, implicitamente relacionou-se com Renata, esta que também teve relações com Fernando e com Polaco; Mendonça era apaixonada por Ângela e depois por Tonhão; Dayse era casada com Moacir, com cenas demonstrando sua paixão pelo homem, e termina em uma relação com uma mulher; Zenilda tinha relações sexuais consensuais com Vieira, mesmo que apenas no subtexto, e se apaixona por Pedro Afonso; Laura passa a novela ao lado de Marcos e faz sexo com outros homens e também com mulheres; Rebeca se apaixona e se envolve sexualmente com Pascoal, Alberto e Karen; Clara foi explicitamente mostrada como apaixonada por Cadu e Marina; Esther foi casada com uma mulher, sendo que em diversas cenas fica claro o amor que sentia pela esposa, e depois namora com José Renato; Adele só foi mostrada apaixonada e se relacionando com mulheres, mas a própria diz que gosta de pessoas, ou seja, independente do gênero; Duda namorava e era claramente apaixonada por Úrsula, e seus beijos e relação sexual apresentada o cunhado foram consensuais, mesmo que sem sentimentos românticos; Flávia namorou dois homens e uma mulher de maneira assumida na sua novela; Maura explicitamente namorou e se apaixonou tanto por Ionan quanto por Selma; e por fim, Valéria e Camila ficaram juntas, apaixonadas, mas também namoraram e demonstraram interesse em homens na trama.

Seguindo a definição de bissexualidade de Robyn Ochs (2009), como a atração sexual e/ou romântica por pessoas de mais de gênero, não necessariamente ao mesmo tempo, nem da mesma forma ou intensidade é possível compreender a classificação dessas personagens como bissexuais. Nem todas foram representadas como apaixonadas

por mais de um gênero, ou tendo relações sexuais, e nem por isso seriam menos bissexuais. A ideia de que a bissexualidade só poderia ser válida se fosse constituída de um desejo dividido igualmente entre homens e mulheres é problemática por trazer tanto o binarismo de gênero, como o binário sexual, hétero e homossexual, e a bissexualidade sendo um meio termo entre eles. Essa ideia também evidencia problemas na própria representação da bissexualidade, operada pela lógica monossexual, em que o desejo por diferentes gêneros não seria aparente em uma relação ou em um ato isolado com apenas uma pessoa (ENGELBERG, 2018).

Essa questão nos leva ao debate sobre identidades inteligíveis (BUTLER, 2016) e a representabilidade da bissexualidade (ENGELBERG, 2018). Butler argumenta que a matriz cultural que torna a identidade inteligível exige que alguns tipos de identidade não possam existir: as identidades em que o gênero não decorre do sexo e/ou em que as práticas do desejo não decorrem nem do sexo nem do gênero. Dessa forma, a bissexualidade aparece como uma impossibilidade lógica. “Nessa matriz de inteligibilidade, o gênero denota uma unidade de experiência de sexo, gênero e desejo, em que o desejo é heterossexual, diferenciado a partir de uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja” (MONACO, 2020, p. 84). Essa inteligibilidade da bissexualidade é transportada para a representação cultural dessa identidade. Como seria possível representar pessoas bissexuais? A representabilidade da bissexualidade é impedida pela hegemonia da monossexualidade na mídia. Uma única imagem é lida como representativa do desejo da personagem envolvida (ENGELBERG, 2018).

A forma como as personagens bissexuais são exploradas pela mídia durante a exibição da novela também diz muito sobre esse entendimento. Quando *Sete Vidas* estava para terminar, em 2015, o site Notícias da TV publicou uma matéria sobre os finais dos personagens com a seguinte manchete: “Sete Vidas tem ‘cura gay’ e saída do armário; veja todos os finais”. A chamada “cura gay” era em referência à personagem Esther que, segundo eles no texto da notícia, “reencontrará um ex-namorado e deixará a homossexualidade de lado para embarcar em um romance hétero”⁸.

⁸ Disponível em:

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/sete-vidas-tem-cura-gay-e-saida-do-armario-veja-todos-os-finais-8475> Acesso em 12 jul. 2021.

Durante a exibição de *Segundo Sol*, o site do UOL, na seção TV e Famosos, publicou uma matéria sobre personagens que “voltaram ao armário”⁹, assim como Maura iria fazer, já que teria um caso com Ionan. No texto, apenas com personagens de João Emanuel Carneiro, o jornalista lista seis personagens que supostamente seriam homossexuais, mas acabaram virando héteros. Dos seis, três são personagens bissexuais, mas parece que essa possibilidade não existe. Os personagens bissexuais listados foram Maura, Orlandinho (*A Favorita*) e Duda (*A Regra do Jogo*).

Nas telenovelas analisadas, é possível observar a reprodução de alguns dos estereótipos sobre a bissexualidade. Das 15 personagens femininas, nove são retratadas como traidoras ou não confiáveis. Seguindo o estereótipo de confusão ou indecisão, três das 15 personagens o apresentam de maneira mais explícita. A questão da não-monogamia e a ideia de que bissexuais não conseguem se satisfazer com apenas uma pessoa, aparece nessas três personagens retratadas como confusas - Clara, Maura e Duda - e também na trama de Paloma, em *Os Gigantes*.

Quanto à sexualização das mulheres bissexuais, podemos pensar essa representação a partir das performatividades das personagens. Existe uma ideia de que mulheres bissexuais precisam ser femininas, tanto para não serem confundidas com lésbicas, quanto para satisfazerem o olhar masculino (EISNER, 2013). Para Butler (2020), a performance constitui a aparência de um sujeito que não existe anteriormente à performance. Das 15 personagens bissexuais femininas, 13 cumprem a performance de feminilidade. Apenas Mendonça, da novela *Bebê a Bordo*, e Maura, de *Segundo Sol*, fogem da norma de performatividade feminina.

Analisando do ponto de vista da construção das personagens e suas complexidades narrativas, é possível observar que a maioria dessas personagens bissexuais femininas não tiveram suas jornadas reduzidas às suas sexualidades. Das 15 personagens, apenas 5 tiveram suas histórias centradas na identidade bissexual: Mendonça, Clara, Adele, Duda e Maura. Mas, ainda assim, elas cumpriram papéis nos desenvolvimentos de outras histórias, com exceção de Clara e Duda, que realmente foram reduzidas aos seus relacionamentos.

⁹ Disponível em:

<https://tvefamosos.uol.com.br/listas/autor-coloca-maura-no-processo-da-cura-gay-relembre-outros-casos.htm> Acesso em: 12 abr 2021.

A exposição direta dos relacionamentos que fogem da heteronormatividade podem cumprir um papel pedagógico importante, ao mostrar de maneira positiva, sem comichidades e exotismo, relacionamentos homoafetivos. Nas telenovelas analisadas aqui, oito colocaram de maneira explícita essas relações: *Belíssima*, *Em Família*, *Sete Vidas*, *Totalmente Demais*, *A Regra do Jogo*, *A Lei do Amor*, *Segundo Sol e Órfãos da Terra*, ou seja, todas as obras a partir de 2014.

Considerações finais

O contrato epistêmico do apagamento bissexual (YOSHINO, 2000), está refletido nas representações e nos sentidos que circulam na sociedade. E por esse motivo, faz toda a diferença ter a palavra bissexual sendo dita com todas as letras na mídia. A palavra por si só não é garantia de uma representação pedagógica ou sem reprodução de estereótipos, mas considerando o contexto monossexista em que vivemos, faz com que a bissexualidade seja ao menos uma possibilidade. Não ter a palavra bissexual sendo dita em 12 das 13 novelas, mesmo representando mulheres com práticas bissexuais, deveria ser motivo de indagação ou estranhamento.

Ao longo deste trabalho, foi possível observar a complexidade dos estudos sobre bissexualidade e também a necessidade de mais trabalhos dentro desse campo no Brasil. Quando vamos para as questões de representação midiática e bissexualidade temos uma escassez ainda maior. Ainda é um campo a ser explorado, com muitas problemáticas pendentes. Considerando o apagamento bissexual, se a palavra não for dita, pouco adianta. Infelizmente, essas personagens não serão lidas como bissexuais. Espero podermos avançar para um ponto que não precise dizer a palavra bissexual. Se não estivéssemos sob a lógica monossexista, o mais óbvio seria presumir que todos os personagens são bissexuais, até que se prove o contrário, pois estaríamos partindo do mais amplo e inclusivo.

A observação das personagens bissexuais femininas também trouxe esperança. Nos surpreendemos com algumas construções, como a de Adele em *Totalmente Demais*, e Flávia de *A Lei do Amor*. Personagens femininas jovens e bem resolvidas quanto às suas sexualidades. Da mesma forma, a personagem Esther, da novela *Sete Vidas*, uma mulher mais velha e que é mostrada completamente livre e sem problemas em amar independente de gênero.

Diante de tudo isso, esta pesquisa nos deixa otimista para avançarmos em melhores representações de bissexuais na mídia. As representações tendem a avançar conforme os debates na sociedade avançam também. Ainda há muito o que pesquisar e explorar no campo da representação bissexual.

REFERÊNCIAS

ANGELIDES, Steven. **A history of bisexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, 19ª ed., Rio de Janeiro, 2020.

CHACEL, Marcela Costa da Cunha. **Audiência transmídia: uma proposta de conceituação a partir das telenovelas da Rede Globo**. 2016. 180f. Tese (Doutorado). Recife: Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FISCHER, R. M. B. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

EISNER, Shiri. **Bi: Notes for a bisexual revolution**. Berkeley: Seal Press, 2013.

ENGELBERG, Jacob. “How Could any One Relationship Ever Possibly be Fulfilling?”: Bisexuality, Nonmonogamy, and the Visualization of Desire in the Cinema of Gregg Araki. **Journal of Bisexuality**, 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

JAEGER, Melissa Bittencourt. **Experiência de minas bissexuais: políticas identitárias e processos de marginalização**. Dissertação - UFSC, Florianópolis, 2018.

LEWIS, Elizabeth Sara. **"Não é uma fase": Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. COSTA, Marcela. JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. CAVALCANTI, Gêsa Karla Maia. GOUVEIA, Diego Moreira. SANTOS, Talitta Oliveira Cancio dos. Dispositivo pedagógico da mídia e representações de gênero e sexualidade em She-ra and the Princesses of Power. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”**, v. 14, n.2, 2021 [no prelo].

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Memória e Identidade na Telenovela Brasileira**. Anais do XXIII Compós. 2014.

_____. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 26, p. 17-34, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MONACO, Helena Motta. **“A gente existe!”**: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Dissertação - UFSC, Florianópolis, 2020.

OCHS, Robyn. Biphobia. In: OCHS, ROWLEY (ed). **Getting Bi**: Voices of Bisexuals Around the World. Bisexual Resource Center, 2005, pp. 201-205. Disponível em: <https://robynochs.com/biphobia/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PELÚCIO, Larissa. **Subalterno quem, cara pálida?** Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea, Salvador, vol. 2, no 2, 2012, p. 395-418.

REA, Caterina. Crítica Queer racializada e deslocamentos para o Sul global. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). **Pensamento Feminista hoje**: sexualidades no sul global, Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2020, p. 67-77.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Descolonizar a sexualidade**: Teoria queer of Colour e trânsitos para o Sul. Cadernos Pagu, n. 53, 2018.

ROSSI, Fernanda Santos. **Representação cultural e reconhecimento da bissexualidade**: uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The Bisexual. Dissertação - PUC Minas, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (Nem Tão) Má** – LGBTs em Telenovelas. Dissertação. Mestrado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

STORR, Merl. **Bisexuality**: A Critical Reader. Ebook: Taylor & Francis E-library, 2002.

YOSHINO, Kenji. **The Epistemic Contract of Bisexual Erasure**. Yale Law School Legal Scholarship Repository, New Haven, v. 1, n. 1, p.353-461, 2000.